

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor, Administrador e Proprietário:
ARTUR BASTO

Director
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 82451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composição e Impressão: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Pastoral Colectiva do Episcopado Português sobre o Concílio Ecuménico VATICANO II

(Continuação do número 645)

A prova da fé na Igreja

Se não se entra, com a divina luz da fé, no segredo do mistério da Igreja, ela própria tornar-se-á causa de tentação.

Cristo crucificado pareceu escandaloso aos judeus que esperavam um Messias glorioso. Mas não será sempre a mesma tentação dos cristãos de fé tibia ao contemplarem as chamadas « misérias da Igreja »?

Que são as misérias, os escândalos, os abusos atribuídos à Igreja senão os pecados dos cristãos pecadores, clero e fiéis, que ela a todo o momento condena e repara? Não declarou o Senhor que « não foram os justos mas os pecadores que viera chamar »? Se a Igreja fosse só constituída por justos, onde teríamos nós lugar? Onde haveria para nós salvação? Não é a Igreja que regenera os homens, santificando-os?

Não será ainda a mesma tentação perante o mistério da fraqueza, do pequeno número, da aparente ineficácia?

(Continua na página 5)

INTUIÇÃO

Será a intuição luz que em noss'alma
Um mistério subtil insinuou
E que dentro de nós, em paz e em calma,
A memória em silêncio conservou?

Quem sabe se a intuição é transmitida
E do além até nós desce em mensagem,
Se soubermos captar vida sentida
Com persistente e límpida coragem?

Mas... p'ra poder saber o que há-de vir,
A vida tem de estar talhada e, então,
O Destino, ao marcar todo o porvir,
Po-de instilar-se em nós como intuição?

E o ser-pensante, que julgamos ser,
Ao perscrutar a vida com ardor,
Ignora quem lhe dá o seu saber
E o reduz a simples receptor?!

— Mas a vaidade humana, que julgara
Ter inventado quanto descobriu,
Não pensa ainda que sómente achara
O novelo de luz que desdobrara
Ao encontrar caminhos que seguiu...

Dvalda

(Continua na página 5)

A viagem oficial do Senhor Presidente da República aos Arquipélagos dos Açores e da Madeira

A visita presidencial ao Arquipélago dos Açores terminou no passado dia 15 do corrente.

O Chefe do Estado que havia desembarcado na Ilha de Santa Maria, a primeira ilha açoriana a ser visitada, no passado dia 5, durante dez dias, visitou todas as nove ilhas do arquipélago

O Sr. Almirante Américo Tomaz, no cumprimento dos seus deveres e funções, mostrou-se sempre indiferente a canseiras e ao tempo — debaixo de chuva copiosa, com o mar bravo a dificultar as manobras de embarque ou desembarque em ilhas sem porto de abrigo — e quiz que o programa estabelecido não deixasse de ser cumprido rigorosamente, fossem quais fossem as dificuldades levantadas pelo incerto e caprichoso clima insular.

O patriotismo dos açorianos ficou exuberantemente demonstrado e todos proclamaram que na hora difícil

(Continua na página 2)

No Hospital da Misericórdia de Barcelos, o distinto cirurgião Sr. Dr. Gomes de Almeida, fez uma operação ao coração

Na noite do dia 17 de Junho último, entrou no Hospital da Misericórdia de Barcelos, o Senhor António Viana Alves, de 30 anos, da freguesia de Barqueiros do nosso concelho, vítima duma agressão.

Feito o diagnóstico pelo médico de serviço Senhor Dr. José António de Faria Torres, de ferimento no coração, imediatamente requisitou os serviços do grande cirurgião Sr. Dr. Gomes de Almeida que, há mais de vinte anos, presta relevantes serviços, com o maior desinteresse, ao Hospital de Barcelos.

Carta de Lodeiros

Meu mt.º Rev. Amigo:

FINDO o Jornal de 12 — findo não que não findara a leitura — uma análise ao meu coração daria espanto, a quem não soubera que essa das Cartas da Capital « mimosearem » fosse quem fosse era, e foi, coisa de me causar assombro.

Mas bem pensando e topada a calma que um bom sono nos dá, entrando o bater do coração no ritmo certo que, por certo, não ouvimos, está bem: de mim e para si, o vê-las divulgadas é certezinha certa do seu agrado, aplauso e concordância.

Não tenho cartapácio à mão que valha no bom entendimento do mimosear. De dar mimos? De serem como as mimosas que mesmo cortadas cercas rebentam pelo chão? De qualquer forma e jeito, do coração os obrigados.

*

Eu bem quisera, Amigo meu, andar por aí a arregui-lar os olhos por esse mundo barcelense, e de o querer — amar e ter pretexto e causa de arregui-lar os olhos — como um turista, esses dos calções curtos e fralda de fora a beber os ventos a atirar os olhos contra velharias, a mergulhar o entendimento nas coisas novas — coisas novas em Barcelos, meu bom Senhor da Cruz, só os bancos da Avenida, a nova loja do Gato — gato que não sei o nome — e as lojas frente à rua, à Calçada, do antigo Ho-

FRUTAS

(VINHOS)

Por A. MAGALHÃES

V

NÃO desejávamos interromper a série de ligeiras considerações que vimos fazendo sobre as frutas. Sabemos que elas não têm valor nem repercussão no campo comercial, o que é pena e lamentável.

Mas, nem por isso nos recolhemos a um silêncio cómodo e solidário, porque bem pior é o que se passa com os vinhos, dado o volume do seu comércio e a ousadia dos que o adulteram, e, há sempre uns cerineus que, a despeito de insultos e agravos constantes, vão clamando (no deserto) já e logo, por repressão à traficância e ni-xordice.

Concretizando mais, ocorrem-nos o que tem trazido a lume, pela pena dum seu ilustre colaborador, um jornal local, sobre os ditos vinhos. Nós, com pena mais modesta, queríamos dizer-lhe que

continui, a bem do moribundo, em agonia lenta, e que insista até ao despertar duma Fiscalização e duma Comissão de Viticultura, existentes ainda, se não nos enganamos.

Diante de tão graves acusações como as que leio no jornal referido, sobre o comércio do vinho, talvez que aquelas entidades, a serem verdadeiras as acusações, só resta uma saída airosa para o brio profissional:

Demitirem-se.

Que pior se pode fazer em comércio algum?!

Pipas de água vendidas por vinho, toneladas de baga em livre circulação, corantes e drogas químicas a esmo para o seu fabrico, mistura de vinhos de rigiões diferentes para arranjo dum tipo de verde, adraques flagrantes na saúde dos consumidores da

(Continua na página 2)

Dr. Francisco Torres
BARCELOS

Durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, só dá consultas às segundas, quintas e sábados.

Manuel Monteiro de Carvalho
MÉDICO
Consultório: Campo 5 de Outubro, 14
Consultas das 15 às 18 horas
Telefones | Consultório 82325
Residência 82609
BARCELOS

FRUTAS

(Continuação da página 1)

mixórdia, desatenção de organismos próprios às reclamações prementes nos casos provados, poderia chamar-se de... magnífica desordem se não conduzisse o lavrador honesto a maior ruína.

Num vagão de 1.ª classe dum combóio da linha do minho em paragem junto do Porto entrou um rapazito, apregoando «água com vinho».

Pedia 2\$50 pela coisa. Não nos pareceu cara embora ignorássemos o... peso atómico e a composição molecular do produto. Uma coisa nos edificou: a sinceridade do pregão.

Lemos na grande imprensa, há dias, o alarme da perda provável do mercado de Angola para os nossos vinhos. O que nos feriu mais a atenção foi o caso dos vinhos para as Forças Armadas ter de pagar fomento, quando a cerveja, não. Por estas e outras razões o vinho era vendido nos hotéis e restaurantes a 17\$00 cada litro, enquanto a cerveja custava 9\$00. Daqui, a fuga dos militares para a cerveja, quando, a bebida predilecta deles seria o vinho. E insinua-se que os lucros são para a lavoura. Lucros há, mas para a lavoura não são, porque, se ela contasse, a que viriam tantas verbas que só lhe agravam o escoamento do produto?

E, por falar em Forças Armadas...

Há anos sugerimos o gasto de vinhos nos quartéis militares, mórmente nas épocas de abundância. Era uma ajuda à lavoura gastando-lhe o produto, e às economias do tropa que, ou compra caro uma coisa que não é vinho, ou, pelas tascas dos arredores da unidade, gasta quantos niqueis tenha, na aquisição do mesmo produto. Todos perdem na saúde. Confrontando os casos, nem agora o vinho se vê em melhor posição que a sua concorrente, a cerveja, mais fácil de fazer e mais fácil de vender, pelo que vemos.

Na franqueira

MARCAÇÃO DE LUGARES

É no próximo dia 29 do corrente, das 9 às 10 horas, que são marcados os lugares, para efeito de vendas, por ocasião da Peregrinação, que se realiza em 12 de Agosto.

Os lugares são pagos na ocasião da marcação.

Visado pela Censura

A viagem oficial do Senhor Presidente da República aos Arquipélagos dos Açores e da Madeira

(Continuação da página 1)

que a pátria atravessa, mais do que nunca, estão solidários com todos os outros portugueses, bem conscientes dos perigos que ameaçam a pátria comum, quer dos sacrifícios que possam ser-lhes pedidos.

Sabiam muito bem que com as palmas, os vivas, as aclamações sinseras e calorosas dispensadas ao primeiro magistrado da nação, saudaram e vitoriam a própria Pátria.

A largada do «Funchal» do porto da Horta com rumo ao Arquipélago da Madeira, foi impressionante.

O Snr. Presidente da República, foi ovacionado de modo extraordinário, milhares de vozes entoaram o hino nacional e milhares de pequenas embarcações, de recreio, de pesca e cabotagem, embandeiradas, algumas com bandas de música a bordo, das frotas do Faial, do Pico e da Horta, acompanharam o paquete presidencial até bastante fora do porto de abrigo.

A recepção prestada ao venerando Chefe do Estado, pelos madeirenses, à chegada ao Funchal, no passado dia 17, excedeu as previsões mais optimistas.

Centenas de morteiros e foguetes estalejaram no momento de desembarque e foram extraordinárias as manifestações de apreço e carinho.

Sempre entre as aclamações mais vibrantes e apoteóticas de uma multidão entusiástica, o Snr. Almirante Américo Thomaz, recebidas as chaves

da cidade das mãos do Presidente do município do Funchal, Snr. António Bettencourt Sardinha, efectuou a pé o longo percurso entre o Cais e a Câmara Municipal.

Na sessão solene de boas vindas, realizada no salão nobre da Câmara Municipal, o Chefe do Estado, depois de dizer «*Que a Madeira seja, como todos desejam, terra de contentamento para todos os seus habitantes*», acentuou: «*Obrigado, do fundo do coração*».

No seu discurso, pronunciado na sessão solene para a inauguração do majestoso palácio da Justiça, o Sr. Prof. Antunes Varela, ilustre ministro da Justiça, ao referir-se à obra de renovação levada a cabo pelos Governos do Estado Novo, afirmou que «*sobem a mais de cinquenta as comarcas com novas instalações*» e disse também: «*os vindouros não-de encontrar na Africa uma das páginas mais brilhantes da História da Humanidade*».

Foi por entre calorosas ovações e passando sob arcos de flores que o Presidente Américo Thomaz visitou a Ilha da Madeira. À chegada à Ilha do Porto Santo o Chefe do Estado teve outra calorosa e extraordinária recepção.

A visita oficial do Snr. Presidente da República ao arquipélago da Madeira, do mesmo modo que a visita ao arquipélago dos Açores, foi assinalada com as maiores e mais vibrantes aclamações.

Pelas Termas do Firogo

Contrastar com o desinteresse de muitos, temos hoje a assinalar a boa vontade do Dr. Branquinho da Fonseca que autorizou a entrega de livros da Fundação Gulbenkian para serem utilizados pelos nossos aquistas, durante toda a época termal. Dado o grande interesse suscitado estamos certos que para o próximo ano deveremos dispor duma pequena biblioteca, anexa ao nosso Balneário.

VICE CONSUL DE PORTUGAL EM NITEROI — Já se encontra entre nós, fazendo a sua costurada cura de água, o ilustre diplomata Manuel de Azevedo Falcão, que tão alto tem elevado o nome de Barcelos e de Portugal, em terras de Santa Cruz.

MOVIMENTO DE DOENTES — Tem sido extraordinariamente elevada a frequência no balneário das Termas, durante a presente época. Para tal não deve ser estranha a melhoria verificada no estado das nossas estradas. Pena é que os meios de transporte, as carreiras de camionete em especial, não sirvam convenientemente quem necessita tratar-se e não disponha dos meios indispensáveis para alugar um automóvel. Para o caso chamamos a atenção de quem de direito, certos de que não será difícil obter-se uma carreira ao meio dia e outra às oito da tarde, única forma de atender os doentes que utilizam os comboios da linha do Minho e algumas das outras carreiras de camionetes.

Nos últimos dias chegaram ao Firogo, para tratamento, as Excelentíssimas Snrs. D. Deolinda de L. Peixoto e D. Idalina D. Silva, de

Matosinhos; D. Angela Brito Limpo de Faria, do Porto; D. Maria de S. Gomes, da Póvoa de Varzim; D. Maria da Graça M. Pontes, de Esposende; D. Maria de Jesus Cordeiro, D. Bertelina P. dos Santos, D. Ana Pereira, D. Maria Teresa Quintas, D. Laurinda Pereira, D. Maria A. Quintela, D. Rosa Gomes Ferraz, D. Palmira Ramos, D. Ana Martins, D. Maria Dias da Cruz, D. Felicidade Maria Miranda, D. Teresa Baptista Barbosa, D. Maria do Céu Dias Barbosa, D. Maria Emilia Carvalho, D. Maria Ernestina Pinheiro Cibrão, D. Emilia da Silva Campos, D. Teresa Pereira de Andrade e D. Teresa Campos Pereira, de Barcelos; presentes também os Ex.ºs Senhores Manuel de Azevedo Falcão, Niteroi-Brasil; Pedro Cardoso Gonçalves e José Costa, de Matosinhos; Abel de Mesquita e Moura, de Celorico de Basto; Eduardo Carlos de Faria, de Viana do Castelo; José de Azevedo Portela, de Esposende; Martinho G. Cardoso, António Gonçalves da Rocha, José Quintas, António Augusto Linhares, José Guilherme Pinheiro, Guilherme da Silva Miranda, Amadeu da Costa Carvalho, Manuel Machado Cibrão, Carlos Martins Azevedo e Gabriel Campelo Dias, de Barcelos.

EM FÉRIAS — Na companhia de seus pais, após um ano de lutas e canseiras, já se encontram as jovens estudantes Maria José Oliveira Viana de Queirós, que obteve a média de 17 valores nas provas do exame de 7.º ano, no liceu de Carolina Micaelis, da cidade do Porto; Ana Maria Oliveira Viana de Queirós que concluiu

tel Vinagre, que de sempre iguais, mesmo a acabar, são sempre modelar e impecavelmente novíssimas.

Será — e graça tinha que o fosse — que como o poeta faz, embrulhado no corte de pano à espera da última moda para o mandar ao alfaiate?

Quantos anos tem aquilo, assim, como está?

Eu queria que o meu Amigo mergulhasse bem os olhos nas proporções da Torre, da Igreja de Nosso Senhor da Cruz e do Passeio das Obras ou dos Assentos. Que se embriagasse nas suas proporções, equilíbrio e monumentalidade e, assim prenhes os sentidos, se encaminhasse para o L. do Tanque, junto ao Grémio que se enquadra na Casa dos Mendanhas ficando-lhe à esquerda, em fundo, os Paços e à direita, em moldura, a Domus Municipalis.

Antes do Grémio volte os olhos à sua direita, cangosta ou viela arriba, que antes de aqui chegar já levou, pelas ventas, com um troço de muralha, e espreitando ao longe, pelo quintal do Grémio, um cubelo da muralha, nos limites da Casa dos Magalhães e Menezes, o farão mais pequeno e Barcelos mais monumental.

Não viu, não sentiu, não se chocou com esse naco, cortado hoje felizmente de perfil, de cenário de revista manhosa, pífia a imitar um castelo, com flor de liz encastoadas, e umas ergolinhas para enfiar bandeira.

Um perfeito mijarete erguido, içado, construído com todíssimas as aprovações estéticas e oficiais.

Vá e veja e se tiver um Amigo — um só — convide-o a ir também. E agora — ao que vi e soube — vai-se construir ao lado, do minarete-castelinho, um edifício, uma casa nova, agora mesmo que era mais fácil destruir aquela vergonha, aquela prova e testemunho de mau gosto e de impotência. Se não tiver um Amigo, um só, leve um inimigo, desses que todos temos que, com sorriso nos lábios, pelas costas e de língua nos esfaqueiam, e leve-o a esse passeio. Estará vingado. Ou então, para a tortura ser maior, findo o passeio, leve-o a ver as cores com que se mantém pintado — no edifício das Escolas — o Escudo de Barcelos.

Em Barcelos houve alarde um dia e nesta quinta feira que passou uma anedota. Uma doente, a mãe duma doente que estivera internada no Hospital, e nesse dia tivera alta, foi, onde devia ir, pedir a conta.

É tanto — informaram.

A mulher que é das que se não topa desprevenida e anda com a pedra no sapato — perdão, no tamanco — perguntou: — A quanto bota por dia?

— São vinte e quatro tostões por dia.

Como é isso, cá na casa, se não vão muitos meses pelo meu home, que Deus haja, levaram só nove tostões por dia?

Palavras e mais palavras e a boa mulher só pagou nove tostões — em vez de vinte e quatro — vezes os dias de internamento.

Parece, pela verídica história, que a tabela hospitalar na nossa terra é de borracha: estica ao gosto de um; encolhe — em mais de 50% — à mínima reclamação.

Uma paródia, uma borgia e vários critérios com vista aos papalvos.

E, sem se sair do buraco, vinte e quatro tostões transformaram-se em nove. Com que poderes? Parece, a qualquer um parece, que os vinte e quatro eram indevidos e sendo-o — indevidos — não podiam ser contabilizados. Da mesma forma, sendo devidos vinte e quatro, não poderiam ficar contabilizados só nove — nove ou vinte e quatro vezes os dias de internamento.

Não haja dúvida, meu Amigo, que como exemplo e lição, para a confiança que ao concelho deve merecer o Hospital, é verdadeiramente edificante.

Quizeram «mimosear» a pagante com vinte e quatro vezes os dias: refilou a pagante e o Hospital foi «mimoseado» com nove tostões vezes o número de dias.

Na verdade, terrível e incontroversa verdade, os mais precisados filhos habitantes do concelho podem, com confiança, entregar-se ao critério humanissimamente elástico, instantaneamente elástico do seu Hospital.

Aqui tem, o meu Amigo, os mimos mimosos duma quinta feira a abarrotar de gente na vetusta — e para mim tão querida — Barcelos.

Beija-lhe a mão o mt.º Amigo

S. P.

VINHOS VERDES PUROS

Tinto, litro 5\$00 — Branco, 6\$00

Vende a PENSÃO ARANTES

DESCONTO POR GARRAFÃO

No Hospital da Misericórdia de Barcelos, o distinto cirurgião Snr. Dr. Gomes de Almeida, fez uma operação ao coração

(Continuação da página 1)

O ilustre operador portuense que compareceu rapidamente, depois de confirmar o diagnóstico e verificar a gravidade do ferimento, fez a intervenção que constou da sutura de ferida perfurante do aurículo esquerdo.

A importante e difícil operação teve êxito total e o doente encontra-se já completamente restabelecido.

Foram ajudantes nessa grande intervenção cirúrgica a equipa de serviço constituída pela Snr.ª Dr.ª D. Maria Angelina Corrêa e pelos Senhores Dr. José António Faria Torres e Dr. Manuel José Moreira da Quinta; como anestesista o Snr. Dr. António N. Duarte Coutinho e médica transfusionista a Senhora Dr.ª D. Maria da Soledade Vasconcelos Pinheiro.

Apesar do nosso Hospital, como qualquer Hospital, da mesma categoria, não estar devidamente apetrechado para intervenções de tal natureza, a dedicação e competência dos médicos, nomeadamente do grande cirurgião Sr. Dr. Gomes de Almeida, tornou possível a sua execução com êxito completo e, consequentemente, a salvação duma vida humana.

—X—

Dr. Luís Fernandes de Figueiredo

A fazer parte do Júri, de 5.º ano de Letras, encontra-se no Liceu Alexandre Herculano, do Porto, o nosso prezado Amigo Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, ilustre Professor do Externato D. António Barroso, desta cidade.

Padre Alberto da Rocha Martins

Encontra-se em Viana do Castelo, fazendo parte do Júri de 5.º ano de Letras e dos Júris de Admissão, o nosso prezado amigo e distinto professor do Externato Alcides de Faria, desta cidade, Sr. Padre Alberto da Rocha Martins.

o 5.º ano no Liceu Sá de Miranda, de Braga, tendo dispensado à secção de Letras, com 14 valores; e Maria Teresa Oliveira Viana de Queirós, que transitou para o 5.º ano do liceu, no Colégio dos Alcides de Faria, em Barcelos. Os nossos parabéns!

Notícias diversas

Na praia de Fão, na companhia de sua esposa e filhos, encontra-se a veranejar o nosso prezado amigo Sr. Dr. José Rodrigues Fernandes.

— Na praia de Afife, as famílias dos nossos prezados amigos Snrs.: António Ramos Fontainhas e Joaquim Augusto Matos Viana Lopes.

— Na praia da Póvoa de Varzim, acompanhados das suas famílias, os nossos prezados amigos Srs.: Dr. Vítor Manuel de Almeida, Dr. Hermínio Pimenta de Castro, Celestino Coelho de Sousa Basto, Carlos Eduardo Matos Viana Lopes, Carlos Alberto Vieira de Sousa Basto e José Calé e a Snr.ª D. Joaquina da Cunha Vieira.

— Na praia do Furadouro — Ovar, acompanhado de sua esposa e filhos o nosso amigo Snr. Belmiro Antunes.

—X—

Dr.ª D. Maria Helena Carmona de Araújo

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com boa classificação, concluiu a sua formatura em História a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria Helena Carmona de Araújo, simpática filha da Senhora D. Laura Cardoso Carmona de Araújo e do nosso prezado amigo Snr. António Augusto Veloso de Araújo, proprietário e sócio da firma Tomaz José de Araújo & C.ª, Sucrs., Ld.ª.

A nova licenciada e a seus pais apresentamos as nossas melhores felicitações.

—X—

Peregrinação à Franqueira

No dia 12 de Agosto, segundo domingo de Agosto, realiza-se a peregrinação anual do Arciprestapo de Barcelos a Nossa Senhora da Franqueira.

A Peregrinação será presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo Auxiliar de Braga, D. Francisco Maria da Silva e sairá da Igreja Matriz, às 9 horas.

Maria Angelina Corrêa

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Clínica Geral de Senhoras
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telefone 82398

Quiosque da Calçada

Vende-se todo o recheio deste café.
Falar com Edmundo Cunha.

Calouste Gulbenkian

Passou na última sexta-feira, dia 20 do corrente, mais um aniversário da morte do grande benemérito Calouste Gulbenkian.

Quando a tempestade da II Grande Guerra Mundial flagelou o mundo esse homem excepcional que se chamou Calouste Gulbenkian acolheu-se a Portugal.

Apaixonou-se de tal maneira pelo nosso país que por cá se deixou ficar até ao resto da sua vida.

Como prova de estima por Portugal criou, com sede em Lisboa, a Fundação Calouste Gulbenkian que, presidida pelo ilustre advogado Dr. Azeredo Perdigão tantos benefícios tem espalhado no nosso país em obras de cultura, arte, economia e, beneficência, etc.

Recordamos o nome de tão grande benemérito com o maior reconhecimento.

—X—

Doentes

Já se encontra completamente restabelecido o que registamos com muita satisfação, o nosso estimado amigo e conterrâneo Snr. Engenheiro Armindo Lúcio de Azevedo Miranda.

— Também tem obtido sensíveis melhoras e encontra-se em vias de completo restabelecimento o nosso prezado amigo e assinante Sr. Manuel de Sousa Martins, comerciante da nossa praça.

X

Nova Biblioteca

Com a presença dos Senhores Presidentes da Câmara Municipal e do Turismo, Drs. Luís Figueiredo e Adélio Campos e diversas pessoas de representação Barcelense, realizou-se no passado dia 18, nesta cidade, a inauguração da Biblioteca fixa, da fundação Calouste Gulbenkian, instalada no Largo do Município, junto à Matriz.

Para enaltecere os benefícios que esta iniciativa trazia aos Barcelenses, fizeram uso da palavra os Snrs. Dr. Branquinho da Fonseca, Director-Geral dos Serviços de Biblioteca, daquela Fundação; Dr. Miranda Mendes, Inspector da Zona Norte e António Baptista, que fez o elogio do encarregado da Biblioteca fixa, o nosso estimado amigo Snr. Jaime Mascarenhas Sineiro.

O Snr. Presidente da Câmara agradeceu aos ilustres visitantes Director-Geral e Inspector da Fundação Calouste Gulbenkian a honra que foi dada aos barcelenses com a criação da primeira biblioteca fixa no Norte do País.

X

Pagamento de assinatura

Pagou a sua assinatura para o corrente ano o Snr. José Morgado Moreira, de Lisboa. Deixou 10\$00 para o pessoal, gentileza que agradecemos.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a COMPANHIA PORTUGUESA DOS PETRÓLEOS BP, SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasolina, constituída por dois reservatórios subterrâneos, com a capacidade total aproximada de 18.000 litros, sita no Largo da Porta Nova, concelho de Barcelos, distrito de Braga.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29.034, de 1/10/938, que regula a importação, armazenagem e tratamento industrial, dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36.270, de 9/5/947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação, sita na Rua Padre Cruz, 62, no Porto.

Porto, 28 de Junho de 1962.

O engenheiro-chefe da Delegação,

Artur Mesquita

CONTRA O FASTIO

Dê aos seus animais

VITA-CEVA

Fortifica e engorda.

Laboratório da Farmácia Pinho

Guia - LEIRIA

Inspecções Militares

Estão a decorrer nesta cidade as Inspecções Militares. Como é tradicional, e já há muitos anos, os mancebos que se apresentam às sortes, fazem-no com a mais esfuante alegria.

E quase sempre, acompanhados de bombos, cavaquinhos, ferrinhos, harmónicas, harmóniuns e outros instrumentos para que essas suas manifestações de alegria possam ser ainda mais ruidosas. Muitos desses grupos de mancebos das nossas aldeias, atendendo à hora grave que a Pátria atravessa, também não deixam de ostentar dísticos com frases patrióticas.

X

Comendador Manuel de Azevedo Falcão

Em gozo de bem merecidas férias, encontra-se entre nós, o simpático diplomata Comendador Falcão que em Niterói, Brasil, exerce, com muito prestígio o alto cargo de Vice-Cônsul. O Senhor Comendador Falcão é pessoa muito estimada em Niterói como tivemos oportunidade de constatar quando visitamos o Brasil. Sua Excelência proporcionou a todos os portugueses uma carinhosa e sumptuosa recepção.

Ao querido Amigo desejamos umas óptimas férias.

PARA PRESENTES...

fixe somente esta Casa:

Ourivesaria Milhazes

Filial: Rua D. António Barroso BARCELOS

Sede: Rua 5 de Outubro, 35 PÓVOA DE VARZIM

Edgar Fernandes Rei

Já se encontra na sua linda vivenda "Niterói", na freguesia da Lama onde conta passar uma larga temporada de repouso, na companhia de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante Snr. Edgar Fernandes Rei, importante industrial na cidade de Niterói — Brasil.

Agradecemos, os seus amáveis cumprimentos.

Achados

Na Secretaria da Câmara Municipal, encontra-se um porta moedas, contendo uma certa quantia e ainda uma certa quantia em dinheiro, encontrada no dia 20 do corrente.

Entregam-se a quem provar pertencer-lhes.

Exame Universitário

Com a classificação de 14 valores, concluiu o 1.º ano de Direito, na Universidade de Coimbra, o nosso amigo e inteligente académico Vasco Valentim B. de Carvalho, filho do também nosso amigo e assinante Snr. Sebastião Alves Pereira de Carvalho.

Leia JORNAL DE BARCELOS

COLCHÕES MOLAFLEX

10 anos de garantia
provam a sua eficiência

MÓVEIS
TELES

Telefone 82453

BARCELOS



FALECIMENTOS

D. Rosa Alves do Vale Lima

Na sua residência, sita na freguesia de Vila Cova, deste concelho, na tarde do passado sábado, dia 14 do corrente, faleceu a Snr.ª D. Rosa Alves do Vale Lima, de 61 anos de idade.

Muito esmoler e bondosa, a saudosa extinta era esposa muito querida do abastado proprietário daquela freguesia Snr. Joaquim do Vale Lima; mãe da Snr.ª D. Beatriz Alves do Vale Lima Pimenta Mendes e do Snr. Dr. Manuel Alves do Vale Lima e sogra da Senhora D. Maria Isolete Mendes da Fonseca do Vale Lima e do nosso prezado amigo e assinante Snr. Manuel Pimenta Mendes, proprietário.

O seu funeral, muito concorrido, por pessoas das diversas condições sociais de Vila Cova e das freguesias circunvizinhas e ainda por diversas pessoas desta cidade e de Esposende, realizou-se na tarde de segunda feira, dia 16.

Imcorporaram-se as Confrarias e Associações Religiosas da freguesia e a urna, da sua residência à Igreja paroquial de Vila Cova, onde se celebraram os officios de corpo presente, foi conduzida por um pronto-socorro dos Bombeiros de Barcelos.

Levou a chave o Sr. Dr. Armando do Vale Pereira Miranda, Provedor da Santa Casa da Misericórdia e organizou-se um único turno constituído por pessoas da nossa terra.

Outras pessoas amigas da família da extinta conduziram coroas com sentidas dedicatórias.

Manuel de Andrade Novais

Na freguesia de Chorento, faleceu o Snr. Manuel Andrade Novais, proprietário, de 69 anos de idade.

O saudoso extinto era pai do nosso amigo e assinante Snr. Joaquim Novais Amorim, proprietário da mesma freguesia.

O seu funeral, constituiu

Aviso ao Público

Joaquim Gonçalves da Gião, casado, lavrador, residente na freguesia de Roriz, do concelho de Barcelos, na qualidade de procurador constituído de seu cunhado José da Graça Coelho, casado, lavrador, residente na dita freguesia de Roriz, deste concelho, vem para os devidos efeitos, declarar o seguinte:

Constando ao declarante que **Francisco Duarte Coutinho**, casado, proprietário, residente na freguesia de Carapeços, do mesmo concelho, é portador de duas letras de câmbio do montante de Esc. 15.000\$00 cada uma, aceites por **José Barroso de Araújo** e sacadas pelo mesmo Francisco Duarte Coutinho nas quais também figura o nome daquele seu constituínte como avaliador, vem avisar o público em geral, os bancos e demais instituições de crédito que o mesmo seu constituínte não assinou as referidas letras razão por que o referido seu constituínte não se responsabiliza pelo seu pagamento aguardando por isso que o mencionado portador accione no Tribunal competente o mesmo seu constituínte a fim de no respectivo processo se fazer a prova do que agora se afirma, pois, para tanto já tem em seu poder documento bastante.

Barcelos, 20 de Julho de 1962.

Joaquim Gonçalves da Gião

Compra-se

Cofre usado. Informa esta Redacção.

uma grande manifestação de pesar.

Jornal de Barcelos apresenta às famílias enlutadas as suas mais sentidas condolências.

Excursões

A nossa cidade continua a ser visitada, todos os domingos, por centenas de forasteiros, que levam da nossa terra a melhor impressão.

Quase todas as pessoas que vêm nas excursões visitam o nosso formoso Parque.

Curso de Conservas de frutos e produtos hortícolas

No Grémio da Lavoura de Barcelos, está aberta a inscrição, até ao próximo dia 31 do corrente, para um curso de conservas de frutos e produtos hortícolas, promovido pela Junta Nacional de Frutas.

Em princípio, o curso funcionará de 6 a 10 do mês de Agosto.

Arraial Minhoto

Promovido por uma distinta Comissão de que fazem parte algumas das mais importantes famílias barcelenses realiza-se, no próximo sábado, na Esplanada do Turismo, sobranceira ao Rio Cávado, um Arraial Minhoto.

Sabemos que estão inscritas muitas famílias, não só de Barcelos, mas de outras localidades.

Actuam no Arraial Minhoto as orquestras de Tony Fernandes e Académico-Rós.

Máquinas de costura em 2.ª mão

Vende, compra e troca:

Fernando Valério de Carvalho

Av. Combatentes G. Guerra, 158

Telefone 82583 — BARCELOS

Alto-falantes

Para abrilhantar as vossas Festas prefiram sempre a Casa

José Fernandes

R. Miguel Miranda, 40 — BARCELINHOS

Telefone 82245

BARCELOS

Fotografia em todos os géneros

César Ferreira Cardoso

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9

Telefone 82447 — BARCELOS

«Jornal de Barcelos»

Assinatura (trimestre) . . . 10\$00
Número avulso 1\$00
Estrangeiro (ano) 60\$00
Ultramar (ano) 50\$00
Comunicados e anúncios oficiais 2\$00

Anúncios por formato — preços convencionais. Linómetro tipo corpo 8.

Anunciem no

Jornal de Barcelos

Donde vem a confusão entre Louças do Prado e Louças de Barcelos

(Continuação da página 6)

tima⁽¹²⁾. Naturalíssimo é, todavia, que tenha persistido para além dessa data, dado o peso do hábito colectivo, capaz de manter vivos costumes e expressões que a lógica diria mortos. A distinção no mercado entre as louças que provinham de Barcelos, Braga e Vila Verde ter-se-ia operado lentamente, verificando-se agora a tendência para serem todas absorvidas na denominação de louças de Barcelos. Com efeito, num rápido inquérito na feira de Barcelos, averigui que aí se vendia também louça de Cabanelas, Cervães e Oleiros (freguesias de Vila Verde), a qual, evidentemente, passa por ser de Barcelos⁽¹³⁾.

Sobre a rota que, na expansão comercial, seguiam as louças do Prado, presumo que Braga seria um importante centro comprador (através do Prado) e promotor da sua dispersão. A importância que tiveram os comerciantes de Braga nessa expansão, põe-na R. Peixoto em evidência quando, referindo-se à especulação de que eram objecto os oleiros, fala dos «honrados mercadores da cidade augusta»⁽¹⁴⁾.

Tal como hoje, os oleiros dependiam nesse tempo do intermediário para a colocação da maior parte do fabrico. Os intermediários locais, de que também fala R. Peixoto, não seriam então bastantes (ou funcionariam como intermediários entre produtor e outros intermediários), e daí o relevo dos honrados bracarenses. Ao contrário, hoje o «armazenista», indígena ou adventício, fixa-se na própria região, e aí o vemos prosperar.

Bem podemos cuidar que, em parte pelo menos, o aspecto semi-urbano de algumas porções da estrada que liga Prado a Braga⁽¹⁵⁾ testemunha uma intensa troca de mercadorias entre as duas localidades. Como, além disso, a maior parte das casas alinhadas ao longo da estrada acusam decadência, não julgo arriscado concluir que hoje tal comércio está reduzido relativamente ao que foi, redução que, com certeza, não se operou nos produtos hortícolas.

Esta hipótese, se não é necessária para resolver o problema, ajudará contudo a compreender a persistência da designação. Demanda, no entanto, o estudo dos documentos da extinta Câmara Municipal do Prado que porventura se conservem no Arquivo Distrital de Braga, os quais, a este e a outros respeito, pode ser que reservem interessantes revelações.

NOTAS

(1) Houve um lapso: na realidade Prado é (e era então) uma freguesia de Vila Verde.

(2) Lisboa, 1899, p. 39. Ou: 2.ª edição, anotada (*Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 78), Lisboa, 1912, p. 33. Nesta transcrição e nas seguintes, onde houve para isso lugar, actualizei a ortografia.

(3) A portaria que mandou imprimir, por conta do Estado, o trabalho de Charles Lepierre é de 18/2/898. Vd. p. 5 da 1.ª ed., ou p. 3 da 2.ª ed.

(4) In *Portugália*, t. I, pp. 227-270.

(5) *Ob. cit.*, p. 232.

(6) *Ob. cit.*, p. 233. Ficaria, portanto, na classificação que apresenta R. Peixoto (p. 233), excluída desta denominação apenas a loiça negra fabricada em Parada de Gatim (Vila Verde). Por nada dizer em contrário quando cita o presumível dito de Fr. Bartolomeu dos Mártires (p. 269), e por empregar, p. e., uma expressão como esta: «a pequena estatutária dos oleiros de Prado» (p. 251), creio que dá o figurado como sendo abrangido na designação.

(7) *Ob. cit.*, p. 263. Como as transcrições mostram, não foi R. Peixoto que deu o nome de louça do Prado a toda a fabricada nos três concelhos. Talvez por fazer o comentário muito tempo depois de ter lido o trabalho de R. Peixoto, J. S. P. de Villas-bôas (*Notas de Cerâmica Popular — Escritas e Marcas de Oleiros — Apontamentos Sobre «Olarias de Barcelos»*, in *Ethnos*, vol. II, Lx.ª, 1942, pp. 339-359) atribui o baptismo a R. Peixoto: «É possível, mesmo natural até, que Rocha Peixoto tenha feito ponto de partida para os seus estudos de Prado, dando à indústria o nome da terra por ser de maior valor que qualquer das freguesias onde ela se encontra no concelho de Barcelos. / Na tradição popular não encontrou o mestre tal designação pois, se em Braga lhes chamam de Prado, em Barcelos se cognominam de aí.»

Abona, em minha opinião, o que a este respeito diz R. Peixoto a seguinte notícia publicada por *O Comércio do Porto* de 27/7/861: «Romaria e feira. — Teve antontem lugar no concelho de Bouças [nome que nessa altura tinha o concelho de Matosinhos] a romaria de S. Tiago de Custóias, na freguesia deste nome, e a costumada feira de louça de Prado, que tão procurada é pelos povos daquelas redondezas, que ali afluem e tornam importante aquele mercado anual, que se ostenta à sombra dum pitoresco e copado arvoredo. Não se diz aí, é certo, donde provinha a louça, mas nós sabemos que os barcelistas de Barcelos vão hoje para as festas e romarias do Porto e dos seus arredores, e sabemos ainda como estes hábitos se transmitem de geração em geração.

R. Peixoto refere-se (*ob. cit.*, p. 265) à feira de louça na romaria do Sr. de Matosinhos, a qual feira ainda hoje se faz e é conhecida por *feira da louça de Barcelos*. Rosa Ramalha, a conhecida bonequeira de S. Martinho de Galegos, ia dantes para as seguintes festas: S. Gonçalo (V. N. de Gaia), Sr.ª da Hora (Matosinhos), Sr. de Matosinhos, S. João das Fontainhas (Porto), Sr. da Pedra (Gulpilhares — V. N. de Gaia), Sr.ª da Saúde (Paranhos-Porto), S. Cosme (Gondomar). Ainda hoje, apesar da idade, tal é o apego a essa «vida de cigano» que ela, na altura própria, lá vai com uns caixotes de louça montar barraca para algumas das festas enunciadas (a lista compreende tão-só as que se realizam dentro do Porto ou nas suas redondezas).

Ainda, de certo modo, podemos considerar a expressão «vai buscar um homem de barro a Prado» (que alude ao figurado) e suas variantes, como sobrevivência da aplicação do nome genérico de *louça do Prado* a toda a produzida nesta zona.

Diz José Augusto Vieira (*O Minho Pittoresco*, t. I, Lx.ª, 1886, p. 408): «O barro de Prado passou mesmo a ser considerado, nas ironias populares, como a matéria-prima para modelar o tipo do pretensioso. / — Se os quer

FOTOGRAFIA CARLOS

O seu proprietário, ex-empregado da Fotografia Robim, leva ao conhecimento que já se encontra a trabalhar nas suas instalações, na Rua D. António Barroso, junto ao Banco Nacional Ultramarino, onde espera a visita dos seus estimados amigos.

melhores mande fazê-los a Prado — dizem quando se nota algum defeito ou má qualidade achada por um rigorismo fátuo. Mantém-se o costume, em algumas localidades, de levemente satirizar as pessoas que encontram demasiados defeitos nas outras (p. e.: a dona de casa que, por ser muito exigente, não conserva muito tempo as criadas ao seu serviço, ou a rapariga que tem namorados sucessivos por nenhum a satisfazer) dizendo-lhes: « Assim só em Prado », « Manda-o fazer a Prado ». E falando duma dessas pessoas: « Que o mande fazer a Prado ».

A primeira variante colhi-a em Braga e as três últimas em Esposende. Mas ouve-se também e ainda a mesma expressão em Barcelos, conforme me dizem barcelenses dignos de todo o crédito, o que aliás se compreende. Motivo seria para admiração que, correndo a expressão por terras de Esposende e Braga, — e dado que quem na usa não tem consciência da sua origem, — Barcelos, a meio caminho, se mantivesse fechado a ela.

Não obstante, já no tempo de R. Peixoto a indústria cerâmica em Prado estava reduzida quase só às telharias e concentrava-se sobretudo em Galegos (St.ª Maria e S. Martinho) a arte da « pequena estatuária ». Fazendo fé nas informações que obtive de várias pessoas, apenas em algumas freguesias de Barcelos se fabrica hoje figurado. E ontem não teriam as mesmas esse « exclusivo »?

Aproveito o ensejo para acrescentar que, segundo me diz uma outra pessoa, do mesmo modo se usa em Lisboa atribuir a Prado o privilégio de fornecer « homens » perfeitos ou ao gosto de cada um. Creio, porém, que apenas entre os minhotos radicados na capital terá aí curso a referência a tal privilégio.

Sobre o dito atribuído a Fr. Bartolomeu dos Mártires (J. A. Vieira, *ob. cit.*, p. 408) deter-me-ei noutra oportunidade.

(8) P.ª António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa e Descripção Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*, t. I, 2.ª ed., Braga, 1868, p. 218; Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 7.º, Lx.ª, 1876, pp. 648 e 654; J. A. Vieira, *ob. cit.*, t. I, Lx.ª, 1886, p. 409; Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*, Barcelos, 1948, vol. I, pp. 260-261. Aliás Teotónio da Fonseca é contraditório (ou parece-me que é) a este respeito. Se num lugar data de 1855 a incorporação das freguesias que pertenceram a Prado no concelho de Barcelos, noutro (p. 122) diz que foi por decreto de 21/3/835 que ela se deu. Teria havido duas reformas administrativas? Para o nosso caso tanto faz uma como duas, 1835 como 1855. Possivelmente nem será este um problema difícil.

(9) Teot. da Fons, *ob. cit.*, vol. I, pp. 122, 252, 260, 261, 291, 306, 381 e 394.

(10) *Ob. cit.*, p. 264.

(11) Também as freguesias de Cabanelas, Oleiros e Parada de Gatim, integradas hoje no concelho de Vila Verde, e que estavam abrangidas na área de fabricação de louça do Prado, pertenceram ao termo de Prado. Vd. P.ª A. Carvalho da Costa, *ob. cit.*, p. 219.

(12) E se porventura alguma das freguesias dos actuais concelhos de Vila Verde e Braga fazia parte da zona cerâmica do Prado sem nunca ter pertencido ao seu concelho, já o facto se explicará pela identidade de formas, material e técnicas (que o *habitat* disperso determina ou possibilita), tratando-se de pequenos focos na periferia duma mesma e grande zona.

(13) De tudo isto resulta a possibilidade de confusão entre os autores que têm escrito sobre a cerâmica desta zona. Nos exemplos seguintes creio que tal confusão existe (derivada talvez, nos dois primeiros, dos próprios catálogos das exposições referidas nos fragmentos transcritos):

De Joaquim de Vasconcelos (*Cerâmica Portuguesa — Estudos e Documentos Inéditos*, série II, Porto, MDCCCLXXXIV, p. 94): « Os concelhos de Vila Verde e de Barcelos, especialmente, têm um grande número de expositores [na Exposição de Cerâmica, de 1882, no Porto], distribuídos por numerosas freguesias. » E dois parágrafos abaixo: « Não menos notável é a região de Braga e Guimarães. A louça popular do Prado é célebre em Portugal. Vieram de lá formas admiráveis. » Parece aqui que a famosa louça do Prado nada tinha a ver com a de Barcelos, quando afinal o melhor daquela, pelo menos o mais abundante, era nessa altura de Barcelos.

De Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*, nova edição, Lx.ª, 1957, p. 61, nota 140): « Outros [bonecos] do Prado, também muito lindos, viam-se na Exposição Cerâmica de 1901. » Tudo leva a crer, a meu juízo, que teriam sido confeccionados esses bonecos em freguesias então pertencentes a Barcelos. Já R. Peixoto dizia (*ob. cit.*, p. 238): o « centro principal de fabricação [da estatuária] é em Galegos, no concelho de Barcelos ». Sei, através do sr. João de Macedo Correia, que nessa exposição participaram, e foram todos galardoados com menção honrosa e medalha de cobre, os seguintes ceramistas: Domingos Ferreira (Manelo), da Lama; Joaquim José da Fonseca (Fábrica do Pinheiro), da Lama; Joaquim de Macedo Correia, de Areias; e Joaquim da Eira, da Pousa.

O semanário barcelense *Regenerador-Liberal* publicou, durante o ano de 1904 (desde o n.º 31 — 17/1/904 — até o n.º 70 — 16/10/904), um anúncio da Typographia e Papeleria Soucasaux, no qual, além do mais, se lia: « *Cerâmica*: Temos à venda a do tipo da Baviera. Há uma diversidade de peças interessantes, a escolher, em lotes de 50, 60, 70, 80, 100 réis e mais preços. Breve contamos ter em depósito a tipo das Caldas da Rainha. Que ambos se fabricam neste concelho. » Que parentesco haveria entre estas peças e os « muito lindos » bonecos de C. M. de Vasconcelos?

Luis Chaves, na esteira de R. Peixoto, em *Os Barristas Portugueses (Nas Escolas e No Povo)* (Coimbra, 1925) refere-se em vários passos às características dos bonecos do Prado e relativamente aos de Barcelos tem apenas uma ligeiríssima alusão (p. 56); em *A Arte Popular — Aspectos do Problema* (2.ª ed., Porto, 1959, pp. 22-23) também considera distintos os bonecos do Prado dos de Barcelos, e dá como extinta a produção dos primeiros conforme os descreveu R. Peixoto.

Por outro lado: Este mesmo autor em *Ânforas Portuguesas* (in *Atlântida*, ano II, n.º 16 — 15/2/917 —, pp. 269-276) destaca Prado entre os centros minhotos produtores de cântaros, e outrossim distingue os cântaros do Prado dos de Barcelos (p. 274). No capítulo *Cerâmica de A Arte Popular em Portugal* (vol. II, Lx.ª, 1960, pp. 181-253) Luis Chaves, para se justificar de falar das louças de Barcelos e mencionar as do Prado apenas em duas transcrições de R. Ortigão, faz uma cita (pp. 252-253, nota 35) do trabalho de J. S. P. de Villas-bóas a que me referi na nota 7: « Barcelos, concelho onde não são raras as indústrias populares, na sua totalidade por estudar, possui, como a mais notável, a das olarias. Imprópriamente Rocha Peixoto a englobou com outras, chamando ao grupo «do Prado».

Fernanda de Matos Cunha em *Notas Etnográficas Sobre Barcelos* (Porto, 1932), falando das «estatuetas», acrescenta em nota (p. 61) que

IMPRENSA

Diário do Norte

Entrou no 14.º ano de vida o brilhante colega «Diário do Norte» que é superiormente dirigido pelo notável escritor Dr. António Cruz, a quem, por esse motivo, apresentamos as melhores saudações.

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — Os Snrs. Padre João Pereira Linhares e Ilídio Martins Moreira.

Amanhã — Os Snrs. Armin-do Miranda, Artur António Matos Lopes de Almeida e Acácio Araújo Coutinho.

Sábado — As Snrs.ªs D. Ana de Sá Carneiro de Azevedo Figueiredo, D. Maria Natália Areal Herrera de Rothes e D. Maria Teresa Ramos Roriz Pereira.

Domingo — A menina Ana Maria Macedo Martins e o menino Manuel Gonçalo Perestrela da Rocha Peixoto.

Segunda — Os meninos António Luís Lemos da Silva Corrêa e Joaquim Manuel Faria Barreiros.

Terça — As Snr.ªs D. Maria Umbelina Barreto de Faria e D. Maria Bárbara de Araújo Novais Calé, os Srs. Dr. José António Faria Torres e Isaías Pereira Machado e o menino Pedro Manuel Figueiredo Branco.

Quarta — A Snr.ª D. Maria José Perestrela da Costa Oliveira.

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a

CASA SOUCASAU

TELEFONE 82345

Fotografias — Rádios — Oculos

Artigos fotográficos, etc.

BARCELOS

Quem neste jornal anuncia...

...o seu negócio amplia

Pastoral Colectiva do Episcopado Português

(Continuação da página 1)

Haverá sempre dificuldade em entrar nos caminhos insondáveis do mistério da Redenção. Mas não comparou o Senhor a Igreja ao fermento que leveda a massa toda, e ao grão de mostarda que se faz árvore em que vêm fazer ninho as aves do céu?

Divina e humana, a Igreja traz em si a responsabilidade da humanidade inteira para a salvar. Obra de divina luz e graça. Urge distinguir nela sempre entre a sua alma, que é santa, imaculada, incorruptível, e o corpo humano, corpo de pecado diria aqui S. Paulo, que ela regenera e santifica.

Significa isto que sempre ela terá de lutar contra o homem velho. O espírito de reforma anima-a na sua acção nunca terminada. Foi ele que inspirou a realização do Concílio Ecuménico do Vaticano II.

Testemunho eloquente deste espírito é a oração de S. Isidoro de Sevilha, que desde o século 7.º se recita em todos os Concílios. Começa assim: « Eis-nos aqui, ó Espírito Santíssimo, pecadores embora, mas reunidos no teu nome »...

Elevação sobrenatural do Mundo

Aos Apóstolos foi dito pelo Divino Fundador da Igreja que eles seriam « luz do mundo » e « sal da terra ». Prometera-lhes que « lhes enviaria o Seu Espírito » e « estaria com eles até ao fim do mundo ». A Igreja é a realização desta promessa através da história. Ilumina-a e purifica-a — salva-a.

Não que deva ver-se na missão da Igreja, e nomeadamente na obra do Concílio, que assuma as tarefas sempre contingentes da construção histórica. O Concílio não pode ser de modo nenhum considerado como uma encruzilhada do movimento histórico para a resolução dos problemas temporais desta hora do mundo. É muito mais que isso, sopra nele o Espírito Criador, que « renova a face da terra ». Sem absorver o campo do temporal, penetra, anima, purifica, eleva, inspira e regula toda a actividade humana, económica, familiar, social, política, cultural.

Na Bula Humanae Salutis pela qual convoca o Concílio Ecuménico do Vaticano II, Sua Santidade exprime-se nestes termos: — « A Igreja sabe que, vivificando a ordem temporal pela luz de Cristo, revela os homens a eles próprios, leva-os a desenvolver o seu próprio ser, o seu próprio fim. Onde a elaboração da doutrina social concernente à família, à escola, ao trabalho, à sociedade ».

E na Constituição Apostólica « Oecumenicum Concilium » de 28 de Abril, resume a missão da Igreja nestas breves palavras: « estabelecer o reino do Pai no coração dos homens, e difundi-lo também de um modo exterior na família dos redimidos ». E conclui: « A expectativa do Concílio Ecuménico exige, pois, esforço mais decidido de justiça individual e social, empenho mais generoso de caridade, entrega alegre de si mesmo para o bem comum, a fim de que possa progredir em bem de toda a humanidade uma ordem mais equitativa nas relações familiares, sociais e internacionais.

(Continua)

Leia e assine JORNAL DE BARCELOS

R. Peixoto no trabalho *As Olarias do Prado* « estuda cerâmica análoga a esta [de Barcelos], no concelho de Vila Verde, contíguo ao de Barcelos. » A mesma confusão está patente.

E para terminar: Há no Museu de Arte Popular, de Lisboa, uma vitrina com « bonecos do Prado ». Ora esses bonecos resultaram da participação de João de Macedo Correia (Barcelos) na Exposição do Mundo Português (1940) e foram executados (em Barcelos) de acordo com desenhos que Francisco Laje (que intervinha não sei em que qualidade na organização da exposição, ou de parte dela) forneceu àquele senhor (a quem devo a informação). Esses desenhos eram quase todos, senão todos, extraídos do estudo citado de R. Peixoto. A atribuição da localidade de proveniência dos bonecos reconstituídos (reconstituição que se dispensava pois havia e há ainda quem os saiba modelar « espontaneamente ») baseia-se, portanto, no trabalho do etnógrafo poveiro. Acontece, porém, que noutro escaparate ao lado se encontram « bonecos de Barcelos ». O critério usado para distinguir uns dos outros reside na cobertura: os do Prado são vidrados e os de Barcelos são pintados, como explicita o roteiro do Museu (p. 3): «... numa série de montras: bonecos de barro pintado de Barcelos e de Vila Nova de Gaia, de barro vidrado de Prado (Vila Verde)... ». Tal distinção afigura-se-me arbitrária, até porque já R. Peixoto assinala a inovação das tintas (*ob. cit.*, nota 1, p. 269). A Luis Chaves também escapou essa nota ou não lhe deu a importância que tem: Vd. *Os Barristas Port.*, p. 75).

Ao visitante menos prevenido, quer dizer: à grande maioria dos visitantes, pode parecer que se trata de duas proveniências diferentes, quando realmente está ali patente, quando muito, e se não erro, a diversificação levada a efeito pelo tempo. O lugar, esse, é o mesmo. Por amor da clareza, entendo que se impõe nesse ponto a correcção do roteiro e dos letreiros dos escaparates em questão.

(14) *Ob. cit.*, p. 266.

(15) Este facto mais ressalta se tivermos em conta os dois troços da antiga estrada que, desde Real até Braga, não fazem parte da actual ligação rodoviária por serem demasiado íngremes. O último destes troços corresponde à antiga entrada, por este lado, na cidade dos arcebispos, e desemboca mesmo atrás da igreja do Pópulo, a dois passos, portanto, do Campo da Vinha.

I Salão Nacional de Arte Fotográfica do Centro Escolar n.º 7 da Mocidade Portuguesa (Régua)

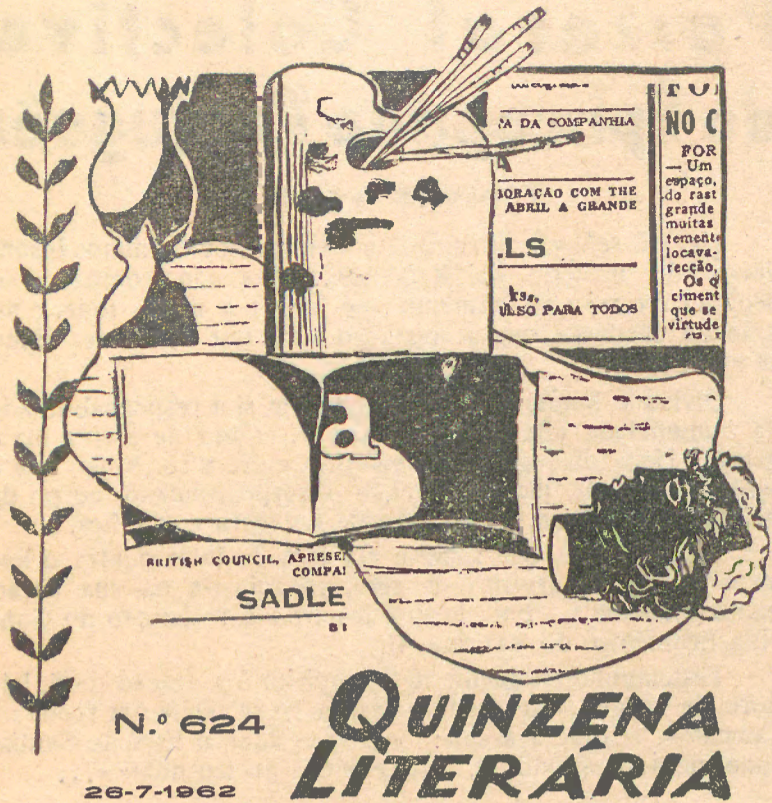
Encerra-se no próximo dia 20 de Agosto o prazo para a inscrição dos concorrentes ao I Salão Nacional de Artes Fotográficas do Centro Escolar n.º 7 da Mocidade Portuguesa (Escola Técnica da Régua).

Os interessados devem pedir boletins de inscrição e regulamentos à Comissão Organizadora.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40



Donde vem a confusão entre Louças do Prado e Louças de Barcelos

Por E. LAPA CARNEIRO

«**C**HAMA-SE louça do Prado às olarias fabricadas em muitas freguesias dos três concelhos de Vila Verde, Barcelos e Braga, principalmente nos dois primeiros. Prado é uma freguesia de Braga (1), onde realmente se fabrica desta louça, mas em pequena quantidade. Ninguém sabe explicar como esta localidade deu o nome às olarias fabricadas numa área relativamente extensa, embora todas com o mesmo carácter.» Estas palavras, que Charles Lepierre transcreve no seu *Estudo Chimico e Technologico Sobre a Ceramica Portuguesa Moderna* (2), escreveu-as Rocha Peixoto antes de 1898 (3).

Em *As Olarias do Prado* (4), trabalho que tem a data de Outubro de 1899, reafirma R. Peixoto: «Sob a denominação genérica de louça de Prado encontra-se em vários mercados do Norte do país o vasilhame popular fabricado nos três concelhos de Barcelos, Braga e Vila Verde.» (5) E novamente também mostra que sente a pouca propriedade da designação: «... a cerâmica mate e a envernizada produzem-se indiferentemente em lugares vários dos concelhos aludidos, tomam a denominação duma freguesia em que o fabrico é diminuto e só excepcionalmente, em mercados distantes, recebem o nome de louça de Braga ou de Barcelos.» (6)

Desta vez, porém, tentou uma explicação: «... os [oleiros] dos 3 concelhos minhotos constituem uma grande corporação solidária na tradição formal e decorativa, na apropriação da argila dum mesmo e grande jazigo (...), na técnica, por fim. O sentimento do facto determinou vulgarmente a generalização dum só nome à louça fabricada numa área relativamente vasta, quando afinal em Prado a manufactura é muito restrita e hoje quase limitada aos produtos das telharias.» (7) Bem deixa transparecer aqui o notável investigador que a verdadeira causa da anomalia se lhe escapou. Com efeito, se o que aduziu explica um nome comum, não explica já que este seja o de uma freguesia onde a produção, confrontada com a de outras freguesias da mesma área, era diminuta.

Tenho que ficar o problema esclarecido considerando a anterior divisão administrativa e a rota que seguia, na época, a louça do Prado na sua expansão comercial.

A vila do Prado foi cabeça de um concelho fundado por D. Afonso III (que lhe deu foral em 1260) e extinto por um decreto de 24 de Outubro de 1855, tendo sido então as freguesias que o compunham repartidas pelos concelhos de Braga, Barcelos e Vila Verde (exactamente os mesmos que enumera R. Peixoto) (8). Das freguesias hoje incorporadas no concelho de Barcelos pertenciam ao do Prado as seguintes: S. Veríssimo do Tamel, Manhente, Santa Maria de Galegos, S. Martinho de Galegos, S. Vicente de Areias, Lama, Ucha, Oliveira, Roriz e Igreja Nova (9). Quer dizer: toda a zona cerâmica de Barcelos (com excepção da Pousa, na margem esquerda do Cávado) pertencia ao concelho do Prado! E visto que neste grupo está incluído o núcleo de freguesias onde mais avultava a produção de louça, como o próprio R. Peixoto no-lo diz — implicitamente ao citar Barcelos sempre à frente de Vila Verde e Braga, mas também explicitamente (10) —, tanto basta para compreender a designação (11). Até 1855, enquanto existiu o concelho do Prado ela era legi-

(Continua na página 4)

Publicações

Alma

Referente ao mês de Julho, com a mais graciosa apresentação e escolhida colaboração, recebemos a revista ALMA que é dirigida brilhantemente pelos Padres Franciscanos.

Ciência e Técnica Fiscal

Do Ministério das Finanças, cuja superior orientação se deve ao talentoso Ministro Prof. Doutor Pinto Barbosa, emanado da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, recebemos dois volumes, de óptima apresentação gráfica, e que são, dado o seu conteúdo, uma clara manifestação da actividade e ordem daquele Departamento do Estado.

Referem-se a «Ciência e Técnica Fiscal», mas, encerram valiosos estudos e o discurso do Snr. Subsecretário de Estado do Tesouro no acto de posse e o notável discurso do Ministro das Finanças.

Livros do Brasil

Recebemos o fascículo L. B. L. — Livros do Brasil — em cujas páginas se arquivam valiosos trabalhos literários e preciosas informações.

Feira do Ribatejo

Recebemos e agradecemos o ofício que se segue e ficamos sempre ao dispor, dos ilustres propulsores da Feira do Ribatejo.

«Conscientes do precioso auxílio que a Imprensa, Rádio e Televisão, nos vêm proporcionando para o bom êxito da Feira do Ribatejo que, em boa verdade — afirmámo-lo com ufania — se tornou um acontecimento nacional a enobrecer-nos perante os estrangeiros, vimos significar a V. Ex.^a o nosso muito sincero reconhecimento.

Bem apreciámos o interesse com que são divulgados os nossos comunicados, como a expansão dada a quanto se relaciona com o nosso certame e esta região, projectando-os a todos os recantos de Portugal, com uma feição que muito nos apraz realçar.

É, pois com a mais viva satisfação que afirmamos a V. Ex.^a o nosso maior apreço pelo dedicado acolhimento que sempre nos tem prestado e que é o melhor estímulo para prosseguirmos na valorização desta iniciativa em que há cerca de 10 anos nos empenhámos.

Agradecemos penhorados, cumprimentamos e enviamos Saudações Ribatejanas.

O Presidente,

Luis Hilário Barreiros Nunes

Farmácia de Serviço

No próximo domingo encontra-se de serviço permanente a *Minha Farmácia*, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

LETRAS E ARTES

1 — Louvável iniciativa cultural a de Realizações Artis, que, após a publicação de «Os Lusíadas» e da «Lírica», apresenta, agora, a obra menos divulgada de Luis de Camões: O TEATRO, acompanhado da correspondência conhecida do poeta.

2 — O estudo, as notas e depuração do texto de «O Teatro e as Cartas» de Luis de Camões, foram confiados, como nas obras anteriores, ao Prof. Hernâni Cidade que ao imortal poeta tem dedicado diversos e importantes estudos críticos, numa exaustiva revisão dos textos e na valorização estética de toda a obra poética do eminente cantor das glórias nacionais.

3 — Estamos, portanto, perante uma realização literária de maior interesse, da maior actualidade, a que o público saberá corresponder, certamente, na ideia segura de que o conhecimento integral da obra poética, integral, de Luis de Camões, lhe é indispensável — hoje mais do que nunca.

4 — O assalto à vida intelectual portuguesa não se operou só pelo neo-realismo usado como forma literária. Como meio de acção e ataque bem planeado, logo, com a mesma intenção social demolidora, um grupo de artistas plásticos se uniram aos escritores, todos sujeitos à mesma disciplina partidária e todos actuando no mesmo sentido corrosivo e demolidor.

Partido único e estética única não só se organizou em manifestações públicas — as exposições gerais de Artes Plásticas — como logo baniu, de em conjunto expor, os surrealistas, muitos deles traidores ao neo-realismo. Então, e menos encobrendo as intenções dissolventes e a disciplina do partido, impunha-se como condição para expor o não voltar a expor em organismos do Estado e da Governação.

5 — É preciso conhecer os factos para deles tirar as lições. «O neo-realismo apoderou-se da maioria das posições-chaves da vida literária portuguesa» afirmou um insuspeito escritor.

Apoderou-se igualmente das posições-chave da vida artística, tal como na vida literária, com editoriais, páginas literárias. Se os prémios nas Artes são atribuídos por responsáveis isentos é bem notória a campanha difamatória quanto aos artistas que só são artistas; a campanha do silêncio quanto aos que não são neo-realistas; a publicidade à volta de quantos o são. Tem-se mesmo chegado ao apuro de excluir de encomendas por parte dos architectos ligados ao neo-realismo, quantos se vão mantendo independentes.

6 — Este estado de coisas foi facilitado por uma campanha, ingénua mas violenta, contra toda a expressão plástica que não fosse figurativa.

Aparentemente o neo-realismo tem pontos de contacto com uma pintura do passado, tanto, como é natural, do agrado do público. De aí, sem o comprador captar a intenção dissolvente da obra, muitos responsáveis terem adquirido, e ainda adquirirem, tais obras.

Organização bem feita há que, por todos os meios, oponha a barreira que precisa, em defesa da saúde intelectual portuguesa.

Vida Nacional

1 — As palavras do Snr. Eng. Ferreira Dias, Ministro da Economia, na posse do novo Secretário de Estado do Comércio, Dr. Samuel Rodrigues Sanches, revestem-se de especial interesse, sobretudo, neste momento, em que Portugal procura integrar-se em mais vastos horizontes económicos. À primeira vista, as suas palavras podem parecer duras, mas vão ser mais do que a apreciação exacta da conjuntura e uma tentativa para alertar tudo e todos. De facto, ao afirmar que alguns dos nossos exportadores, nascidos e criados sem esmero de educação, precisam de ser enquadrados num estatuto de severa disciplina, o Ministro Ferreira Dias coloca em equação todo o problema de relações futuras como a concorrência europeia. É o interesse da Nação o que se pretende. «Pouco providos de espírito cívico — acrescentou o Ministro Ferreira Dias — desarmados financeiramente, alguns negociantes dos produtos tradicionais da nossa exportação, têm-se mostrado incapazes de respeitar princípios essenciais: um acordo de preços mínimos e — quando Deus quer — a garantia de qualidades mínimas. Vendem o que podem a todo o preço, contando, que vendam depressa, porque não têm resistência para vender como devem. Com essa prática desacreditam a Nação e prejudicam-na na sua receita de divisas; chego a pensar se, para alguns, o exercício do comércio não é uma espécie de mendicância em alto nível».

(Continua no próximo número)